

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.17-38.

| | |
|----|---|
| | A interdisciplinaridade da noção de rede |
| 17 | [...] a noção de 'rede' é onipresente, e mesmo onipotente, em todas as disciplinas [...] |
| 17 | A polissemia da noção de rede explica o seu sucesso, porém lança a dúvida sobre a coerência do conceito [...]. O excesso de seus usos metafóricos parece condenar a própria noção, como se o excesso de empregos 'em extensão' ocasionasse o vazio 'em compreensão', ou até mesmo sua diluição. |
| 17 | Entretanto [...] a utilização de uma noção é prova de seu poder e de sua complexidade. A rede é um receptor epistêmico ou um cristalizador [...] |
| | Gênese: da palavra ao conceito de rede |
| 18 | Mitologia: tecelagem do labirinto. Antiguidade: “[...] a medicina de Hipócrates a associa definitivamente à metáfora do organismo em que ‘todas as veias se comunicam e escoam de umas para as outras; com efeito, umas entram em contato com elas mesmas [...]’.” |
| 18 | Séc. XII: “[...] a rede designa [...] uma malhagem têxtil que envolve o corpo. Fios entrelaçados para os tecidos, os cordéis ou cestas, as malhas ou tecidos estão em torno do corpo [...]” |
| 19 | Descartes: renda – superfície “[...] a rede-renda permanece externa ao corpo, ela o rodeia e encerra. A rede está sobre o corpo (ou em volta dele), captura o corpo, tal qual um paninho ou tecido colocado sobre ele.” |
| 19 | Séc. XVII: “[...] o termo ‘rede’, [...] passa a ser usado por médicos para designar e desenhar o aparelho sanguíneo e as fibras que compõem o corpo humano.” |
| | Marcelo Malpighi (1628-1694): primeiro uso na ciência do termo “rede”. |
| 19 | Diderot (1769): “[...] assimila o corpo a ‘uma rede que se forma, cresce, se estende, lança uma multidão de fios imperceptíveis’, [...] ‘os fios estão em toda parte, não há um só ponto na superfície de seu corpo a que eles não cheguem’ [...] Ali aparece a comparação entre a rede controlada por seu centro e a rede submetida a sua periferia. Basta, então, deslocar-se do centro à periferia [...] para ‘passar’ da memória à comunicação e do despotismo á anarquia.” |
| 20 | René-Just Haüy (1743-1822): “[...] vê todo cristal como uma reunião de pequenos poliedros iguais entre si e unidos por suas faces.” |
| 20 | O estudo dos cristais convida, no fim do século XVIII, a construir uma ciência das redes. |
| 20 | Séc. XVIII para o séc. XIX: “A rede não é mais apenas observada sobre ou dentro do corpo humano, [...]. A rede pode ser construída, porque ela se torna objeto pensado em sua relação com o espaço. Ela se exterioriza como artefato técnico sobre o território para encerrar o grande corpo do Estado-Nação ou do planeta.” |
| 20 | [...] Para sair de sua relação com o corpo físico, a rede devia, primeiramente, ser pensada como conceito para tornar-se operacional como artefato. |
| 21 | A rede aparece, no início, como uma forma observada ou imaginada na natureza enquanto ‘efeito de rede’ identificável sobre ou dentro do corpo, como um vínculo invisível dos lugares visíveis. |
| 21 | Séc. XVIII, Descartes e Leibniz: “A rede é concebida, refletida (pensada) e mesmo formalizada: ela se torna modelo de racionalidade, representativo de uma ordem |

| | |
|----|--|
| | formalizável que a teoria matemática cuidará por evidência.” |
| | As representações geométricas multiplicam-se |
| 22 | Séc. XVIII, La Caille: “[...] chama ‘rede’ uma reunião de fios que permite observar as estrelas com uma luneta astronômica (o ‘retículo óptico’)” |
| 22 | Archille-Nicolas Isnard (1759-1803) e Pierre Alexandre d’Allent (1772-1837): “[...] o termo de rede é empregado no sentido moderno de ‘rede de comunicação’ – representam o território como um esboço de linhas imaginárias ordenadas em rede, para matematizá-lo e com isso constituir o mapa.” |
| 22 | A rede é objetivada como matriz técnica, infra-estrutura itinerária, de estradas de ferro ou de telegrafia, modificando a relação com o espaço e com o tempo. |
| | A formação do conceito de rede na filosofia de Saint-Simon |
| 22 | Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825): “A rede sai do corpo e torna-se um artefato superposto a um território e anamorfoseando-o.” |
| 23 | Saint-Simon [...] vai tocar toda a partitura das significações e das imagens da ideia de rede. Sua filosofia visa a construção de uma religião compreendida em seu sentido etimológico de metaligação social (re-ligare), espécie de religião ‘racional’: a rede, enquanto vínculo geral, é seu pivô. |
| | Saint-Simon : a epistemologia do organismo rede |
| 23 | Saint-Simon pensa dialeticamente o real, mas não permanece prisioneiro da sequência dialética de duas dimensões, e desenvolve um modelo ‘tabular’, em rede: o do organismo. |
| 23 | A lógica organística de Saint-Simon afirma a unidade dos contrários chamados ‘fluidos e sólidos’, mas também a superioridade dos primeiros sobre os segundos no organismo ou ‘corpo organizado’. |
| 23 | Saint-Simon assenta, desde o início, tanto a contradição como a totalidade: ele toma por objeto o organismo como totalidade concreta. |
| 24 | O organismo é a forma superior de organização, o paradigma de toda totalidade complexa e racional. [...] tem sua lógica em sua estrutura e na materialidade de seus dispositivos de circulação. É até mesmo possível medir sua organização: a complexidade do ser vivo é formalizável, ou mesmo mensurável, segundo a combinatória, de redes que a compõe. |
| 24 | A rede é lugar visível e vínculo invisível. |
| | As duas categorias: corpos brutos e corpos organizados |
| 24 | O corpo bruto é como um ‘crivo’, ou seja, um filtro coador que deixa ‘escorrer’ lentamente os fluidos a fim de reter os sólidos; o corpo organizado é uma rede que garante a circulação dos fluidos. |
| 24 | – “[...] o corpo organizado solidifica-se e morre quando a circulação dos fluidos cessa; o corpo bruto fluidifica-se sob a ação do calor. |
| 25 | A estrutura do corpo organizado é definida como um conjunto de redes compostas de canais ou vasos, isto é, um emaranhado de vínculos que se ‘entrecruzam’. O organismo se define por continentes ou ‘capacidades’ cuja forma é determinada, e pela circulação de um conceito fluido. Há unicidade de forma do continente e continuidade da ação da substância contida: isso supõe conexões múltiplas entre as ligações a fim de delimitar o espaço da circulação dos fluxos. |
| 25 | É preciso ir ver ‘dentro’; é preciso cortar, dissecar, abrir para identificar as estruturas tubulares elementares. |

| | |
|----|--|
| 25 | No corpo bruto, a unidade elementar é fechada e o corpo mesmo é aberto; no corpo organizado, a unidade elementar é aberta e o corpo mesmo é fechado, para fazer circularem os fluxos. No corpo bruto, as estruturas elementares estão justapostas; no corpo organizado, elas estão entrecruzadas. O corpo bruto apresenta imediatamente sua estrutura interna; o corpo organizado remete a uma organização escondida complexa. Apesar dessas diferenças essenciais, os dois corpos são muito próximos e dispõem de uma estrutura reticulada. |
| 25 | A rede pode, assim, assumir formas variadas: ao mesmo tempo, sólido-cristal, sistema de circulação dos fluidos e estado intermediário entre sólidos e fluidos. |
| | Rede como ferramenta de análise para elaborar uma “ciência política” |
| 25 | [...] sua lógica [Saint-Simon] de organismo-rede que permite pensar toda forma de passagem, é transformada em teoria de transição social. |
| 25 | Como [...] garantir a passagem pacífica e suave do sistema presente ao sistema futuro? |
| 25 | Trata-se [...] de favorecer a circulação do dinheiro na sociedade, isto é, confiar o voto do orçamento aos industriais. |
| 25 | A contribuição específica de Saint-Simon é definir a circulação na rede (sanguínea ou estatal) como a condição da vida ou da boa administração, ou seja, como a condição da mudança social. |
| 26 | A mesma instituição [...] o aparelho estatal, pode ser tanto um lugar de exercício de poder e da força (‘sistema feudal’), quanto um lugar de circulação de dinheiro e de gestão administrativa (‘sistema industrial’): os dois ao mesmo tempo, como uma rede que serve seja a encerrar-vigiar, seja a fazer circular-comunicar. |
| 26 | [...] quanto mais uma sociedade está organizada, melhor ela é organizada e mais ação ela produz sobre a natureza: quanto mais sua organização interna é feita de redes, mais ela as estabelece sobre o território. A construção de redes de comunicação torna-se um objetivo de utilidade pública e uma garantia de felicidade material. |
| | Meta-ligação para unificar a sociedade |
| 26 | Para Saint-Simon, “[...] A sociedade não pode se limitar a uma comunidade de interesses; a condição de seu sucesso é partilhar um objetivo comum.” |
| 27 | [...] a finalidade da ação quotidiana, a saber, realizar redes de comunicação; a finalidade social, a saber, a associação econômica dos trabalhadores na manufatura; e a finalidade ético-religiosa, a saber, a comunhão religiosa dos irmãos [...] |
| 27 | [...] o planeta pode ser reconfigurado como um organismo ideal composto de redes artificiais que o metamorfoseiam. |
| 27 | A rede simboliza [...] o vínculo selado [...] entre [...] a associação, a comunicação e a comunhão. |
| | A corrupção do conceito de rede |
| 28 | O conceito de rede vai tornar-se ato, [...] ele será o símbolo da associação universal [...] |
| 28 | Michel Chevalier (1806-1879), redes: “[...] sua importância política é decisiva, porque elas contribuem para a associação universal. A rede é concebida, ao mesmo tempo, como uma técnica que faz vínculo e como um operador político-moral que faz sentido. A rede age sobre duas vertentes: uma, técnico-financeira; a outra, político-simbólica [...]” |
| 28 | Diferentemente de Saint-Simon, Chevalier transforma a rede em objeto-símbolo: a rede técnica produz, por ela mesma, mudança social. |
| 29 | A rede técnica permite a comunicação, a comunhão, e a democratização pela circulação |

| | |
|----|---|
| | igualitária dos homens. A redução geográfica das distâncias físicas, ou mesmo a intercambialidade dos lugares, graças às vias de comunicação, significa redução das distâncias sociais, isto é, democracia. |
| | A explosão do conceito de rede: a polissemia da noção de rede |
| 29 | [...] de um lado, um modo de raciocínio, isto é, um conceito e uma ‘tecnologia do espírito’ estreitamente associados, e, do outro lado, um modo de organização do espaço-tempo, ou seja uma ‘matriz técnica’ e a carga simbólica que ela carrega. |
| 29 | É essa quadrilha [...] que delimita o espaço da noção de rede. |
| | A rede, conceito |
| 30 | A rede oferece sempre a possibilidade de vários caminhos. |
| 30 | [...] a rede, à semelhança do organismo que ela sempre refere, aparece como um ser intermediário ‘entre a rigidez mineral e a decomposição da fumaça’, um ‘compromisso entre dois extremos: uma ordem repetitiva perfeitamente simétrica cujos cristais são os modelos físicos mais clássicos e uma variedade infinitamente complexa e imprevisível, como a das formas evanescentes da fumaça. |
| 30 | [...] a vantagem da rede é sua possível modelização-formalização por grafos de ligação. |
| 30 | A rede é mais que a máquina, porém menos que o vivente; mais que o linear, porém menos que o hipercomplexo; mais que a árvore, porém menos que a fumaça. |
| 31 | Michel Serres: “[...] aborda a noção de rede [...] por diferença da linearidade da sequência dialética.” |
| 31 | Henri Atlan: “[...] rede é um ser intermediário entre a racionalidade formalizada do cristal e o caos da fumaça”. |
| 31 | Anne Cauquelin: “[...] rede como a própria natureza desse conceito produtor de passagem, de mediação e de ligação.” |
| 31 | A rede é uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento. |
| | Três níveis: |
| | 1) Rede como “[...] estrutura composta de elementos em interação [...]”; –2) “A rede é uma estrutura de interconexão instável no tempo [...]”; –3) “[...] a modificação de sua estrutura obedece a alguma regra de funcionamento.”; |
| 32 | O conceito de rede foi frequentemente convocado para saber se se podia deduzir das variações de sua estrutura o modo de funcionamento, ou até o comportamento de um sistema complexo: assim também do funcionamento do cérebro pelas redes neuronais ou do sistema solar pela rede de interações entre os corpos materiais. |
| 32 | [...] o conceito de rede é transformado em ‘tecnologia do espírito’ para preencher essas brechas. |
| | A rede “tecnologia do espírito” |
| 32 | Conceito de rede: chave-mestra ideológica. “[...] recobre três níveis misturados de significações: em seu ser, ela é uma estrutura composta de elementos em interação; em sua dinâmica, ela é uma estrutura de interconexão instável e transitória; e em sua relação com um sistema complexo, ela é uma estrutura escondida cuja dinâmica supõe-se explicar o funcionamento do sistema visível.” |
| 32 | O conceito de rede torna possível a passagem de um elemento (ou de vários elementos) a uma totalidade [...] |
| 32 | Ela é ao mesmo tempo o vínculo de um elemento com um todo, o vínculo entre |

| | |
|----|--|
| | diversos estados de um todo e o vínculo da estrutura de um todo com o funcionamento de um outro. Graças à rede, tudo é vínculo, transição e passagem [...] |
| 33 | A rede é mobilizável nos três registros que ela engloba: ela é ‘meta-ligação’. |
| | A rede, matriz técnica |
| 33 | Se a rede produz tantas representações e mitos, é porque ela é uma técnica maior de organização do espaço-tempo. É uma matriz espaço-temporal: de um lado, a rede técnica abre a restrição espacial sem a suprimir e superpõe um espaço sobre o território – ela desterritorializa e reterritorializa – e, de outro lado, ela cria um tempo curto pelo rápido transporte ou pelo intercâmbio de informações. |
| | A rede, saco de metáforas |
| 34 | A rede permanece ligada à sua remota relação metafórica com o organismo [...]. É ainda a ambivalência da vida (circulação dos fluxos, a rede funcional) e da morte (pane, a rede não funciona) que é consubstancial à noção de ‘rede’. |
| 34 | A rede é uma figura posicionada sobre a borda pontiaguda que faz oscilar da circulação à vigilância ou inverso [...] está sempre pronta a inverter-se [...] |
| 34 | [...] a metáfora da rede é bicéfala: vigilância de circulação e circulação de vigilância. |
| 34 | As metáforas da rede parecem inscrever-se/situar-se a meio caminho entre a árvore e o caos, entre uma ordem linear hierarquizada e uma desordem absoluta.” |
| 34 | [...] uma trama mais aberta e mais complexa que a árvore, porém estruturada demais para dar conta do aleatório e da desordem. |
| | Da utopia à ideologia da rede |
| 34 | [...] a rede absorve, atualmente, a questão da mudança social, ela é prótese técnica de utopia social. |
| | Ruptura – tecnologia de informação – internet |
| 34 | A rede leva sempre consigo um imaginário de transição, entre a liberação de um sistema piramidal e hierárquico de que o Estado é o arquétipo, e a promessa de um sistema futuro, o da associação universal anunciador de um novo tipo de relação igualitária. |
| 35 | Hoje, a <i>world wide web</i> – literalmente teia mundial – já realizaria,[...] uma sociedade transparente, consensual e democrática. A técnica desempenharia o papel de prótese multiforme: as redes de informação ocupariam lugar de novo vínculo social e de ferramentas para uma nova ‘democracia eletrônica’, direta, interativa e instantânea. |
| 35 | [...] essa teologia dos evangelistas da rede vai de encontro à dos empresários que vêm ali um ‘mercado’ para um comércio eletrônico ao mesmo tempo mundializado, personalizado e acessível a domicílio. |
| 35 | Claro que a simbolia/simbolismo de rede permanece ainda biface: o inferno do controle pode virar seu contrário, o paraíso da circulação. |
| 36 | A rede parece, nos nossos dias, indicar o significado, não mais o da verticalidade da torre da catedral esticada em direção ao supranatural, mas o da interconexão e da ligação, sem limite. |
| 37 | A rede é um veículo que nos transmuda em ‘passantes’, sempre mergulhados nos fluxos (de informações, de imagens, de sons, de dados...). O movimento é contínuo: assim como a República platoniana punha cada um em seu lugar, a democracia reticular põe cada um numa situação de passagem, ‘conectando-o’ a uma rede. |
| 37 | Não há mais necessidade de operar a mudança social, ela se faz permanentemente. |
| 37 | [...] a rede tornou-se o fim e o meio para pensar e realizar a transformação social, ou até mesmo as revoluções de nosso tempo. |
| 37 | [...] enquanto Saint-Simon forjou esse conceito para pensar a mudança social, ele se tornou um meio de não mais pensar nisso. Esse é o próprio da fetichização. A rede passou do estágio de |

| |
|--|
| conceito ao de percepto, ou mesmo de preceito. |
|--|

RESENHA

Em *A Filosofia da Rede*, Musso faz uma perspectiva histórica do conceito de rede, pela formação do conceito a partir de Saint-German, que pensava através do conceito em construir uma forma de sociedade, como um corpo organizado, ou um organismo, onde fosse possível a circulação de fluídos. Assim, nesta sociedade, o Estado exerceria poder ao mesmo tempo em que permitisse a circulação de comunicação e dinheiro. Este primeiro conceito vai ser modificado pelos precessores de Saint-German, onde a rede se torna símbolo de associação universal. A rede é pensada, a partir de então, como uma metáfora que possibilita vários caminhos. As metáforas de rede que se seguiram, produziram o conceito de rede atualmente ligado à ideia de democracia planetária através da internet, recuperando a visão de Saint-German. A rede, assim, aparece como um meio de pensar uma transformação social, ao passo em que possibilita circulação de informações, interligando lugares distantes.

Saryne Cruz
Mestranda do PPGLitCult da UFBA